



ARQUÉTIPO DO PARAÍSO: IMAGENS DO ESPAÇO SAGRADO NA POÉTICA DE GONÇALVES DIAS

Moisés Carlos de Amorim – moisesarmorim@hotmail.com
Universidade Federal de Mato Grosso, UFMT, Cuiabá, Mato Grosso, Brasil; <http://orcid.org/0000-0002-5608-9126>

Diego Pinto de Sousa – diegopsousa@hotmail.com
Universidade Estadual de Campinas, Unicamp, Cuiabá, Mato Grosso Brasil; <http://orcid.org/0000-0002-4954-9876>

RESUMO: Com a utopia romântica, a poesia de Gonçalves Dias exprime o sentimento pela terra natal, elevada à condição de lugar sagrado, ao nosso ver, arquétipo do paraíso terreal, onde a natureza transmite o encanto para quem vive distante, no estrangeiro. Assim, de acordo com a concepção crítico-metodológica do Imaginário (JUNG, 2012; ELIADE, 2010a; DURAND, 2011 entre outros), far-se-á uma reflexão sobre a imagem do espaço sagrado construído na poesia gonçalvina. Estruturada em uma análise teórica, o artigo abriga desde uma perspectiva histórica do paraíso até sua condição arquetípica do paraíso brasileiro na obra de Dias, considerando inclusive, como a poética gonçalvina apresenta a crise da identidade nacional desde sua origem.

PALAVRAS-CHAVE: Arquétipo; Paraíso Sagrado; Imaginário; Gonçalves Dias.

1 INTRODUÇÃO

Existem, por exemplo, locais privilegiados, qualitativamente diferentes dos outros: a paisagem natal ou os sítios dos primeiros amores, ou certos lugares na primeira cidade estrangeira visitada na juventude. Todos esses locais guardam, mesmo para o homem mais francamente não religioso, uma qualidade excepcional, “única”: são os “lugares sagrados” do seu universo privado, como se neles um ser não religioso tivesse tido a revelação de uma outra realidade, diferente daquela de que participa em sua existência cotidiana (ELIADE, 2010a, p. 28).

Para Theodor Adorno (2012, p. 67), “[...] só entende aquilo que o poema diz quem escuta, em sua solidão, a voz da humanidade [...]”, pois sabe o filósofo que a obra literária está com a voz de todos os homens. Para ir mais além, com a voz de todos os tempos vividos pelo homem. O eco das multidões está na canção uníssona do poeta; as imagens primordiais emergem da sensibilidade criadora, configurando a verdade poética à matéria do mundo.

As relações do homem com a sociedade, do homem com o homem, do homem com os objetos, do homem com a natureza, sofreram uma mudança drástica no século XVIII devido à Revolução Industrial. Nesse cenário, o romantismo obteve êxito de proclamar a subjetividade criadora, que, nos domínios da lírica, constitui uma autonomia para transpor os projetos coletivos à massificação e à derrocada do indivíduo. Na literatura reside as experiências humanas, ligadas pelo inconsciente coletivo

(JUNG, 2012), numa teia infindável de eventos que resulta em abundância de vida, sonhada no âmago da palavra.

A poesia ressoa na alma. É o élan vital para o espírito enfermo. Num primeiro momento, pode-se afirmar que o quanto há de imaginação nela, há também de vida plena. Uma vida onde participam todas as pessoas, conduzindo a humanidade inteira ao sublime. Em toda vivência poética o homem pertence entranhado, como a raiz ao arbusto mais frutífero. Se no terreno da realidade não se pode dissolver a lógica, na poesia a lógica é dissolvida para conceber a novidade da existência, pois "[...] os poetas nos arrastam para cosmos incessantemente renovados [...]", segundo Bachelard (2009, p. 24).

Cada estado de alma amplia o sentido utópico do mundo: nele as forças do sentimento provocam uma atitude singular... O amor, por exemplo, tão frequente na lírica, liberta o ser das amarras comuns, exige de si a inteireza para a entrega total. A tristeza conduz a atitude de sofrer de maneira mais suave. A saudade move o espírito ao passado distante, que se torna vívido na memória de quem sofre em terras estrangeiras etc. Mas isso ocorre porque somente a palavra poética evoca tais sentimentos com beleza e imaginação: o que é excepcionalmente fabuloso transforma-se parte do humano, ou melhor, da vivência do humano.

Um poema é a própria imagem da vida, expressa em sua verdade eterna. Há esta diferença entre uma história e um poema, de que a história é um catálogo de fatos separados, que não tem outra conexão do que tempo, lugar, circunstância, causa e efeito; a outra é uma criação de ações de acordo com as imutáveis formas da natureza humana, como existente na mente do Criador, que é, ele próprio, a imagem de todas as demais mentes. (SHELLEY, 2008, p. 86).

Dessa maneira, pode-se afirmar que a psiquê é um lago transbordante de imagens primordiais que estão conectadas no inconsciente: uma conexão profunda que, para Jung (2012), formula a ligação do homem com as raízes mais remotas do mundo, cuja ressonância ocorre devido à estrutura coletiva do inconsciente. O trabalho artístico é o resultado da imaginação do criador, poderosamente viva, sem demarcação de limites que impõe a ordem racional. Por muitos séculos, o racionalismo pesou o conhecimento no ocidente, tendo valor como o único portador para a ciência, para a cultura (DURAND, 2011). Não se percebia que o monótono que irrompe do mundo civilizado era visto por Roland Barthes de maneira crítica: “[...] é por excesso de pobreza, não de riqueza, que falamos do inefável [...]” (BARTHES, 2009, p. 22), afirma o crítico francês. Uma pobreza do próprio mundo civilizado que, racionalmente, instaura o primado da máquina, da lógica do capital, construindo sociedades que dormitam no pesadelo da guerra, da fome, da visão supérflua, aceitando condições subhumanas de sobrevivência.

Nesse sentido, com a literatura romântica, a poesia de Gonçalves Dias exprime o sentimento pela terra natal, elevada à condição de lugar sagrado, ao nosso ver, arquétipo do paraíso terreal, onde a natureza transmite o encanto para quem vive distante, no estrangeiro. Assim, de acordo com a concepção crítico-metodológica do Imaginário (JUNG, 2012; ELIADE, 2010a; DURAND, 2011 entre outros), far-se-á uma reflexão sobre a imagem do espaço sagrado construído na poesia gonçalvina. Estruturada em uma análise teórica, o artigo abriga desde uma perspectiva histórica do paraíso até sua condição arquetípica do paraíso brasileiro na obra de Gonçalves Dias.

2 A RESSONÂNCIA HISTÓRICA DO PARAÍSO: ENTRE A REALIDADE E A FICÇÃO

No século XVIII, a literatura romântica brasileira, principalmente da 1ª geração, exaltou a natureza americana, descrevendo-a com um sentimento nacionalista, de maneira que elevaram a sua condição ao status de paraíso terrestre, por meio da construção simbólica. Tal geração foi responsável por sistematizar e construir uma literatura de caráter nacional, valorizando a paisagem e o homem nativo do país.

Por isso, o estudo histórico e a reflexão acerca da sociedade, como a formação identitária na América Latina, foram de suma importância para desenvolver um debate em torno da cultura, da ideia de nação e da criação estética. O Romantismo surge para estabelecer uma literatura independente, própria e originalíssima, do ponto de vista da linguagem e do ponto de vista temático. É o que afirma Antônio Cândido:

A fase culminante da nossa afirmação – a Independência política e o nacionalismo literário do Romantismo – se processou por meio de verdadeira negação dos valores portugueses, até que a autoconfiança do amadurecimento nos levasse a superar, no velho diálogo, esta fase de rebeldia. (CÂNDIDO, 2014, p. 118).

Ao negar os valores portugueses, era necessário aprofundar o conhecimento da realidade americana e estabelecer um programa estético que abarcasse historicamente a realidade brasileira. Ao se debruçar nos livros, nos textos e nas crônicas sobre o Brasil (desde a Carta de Pero Vaz de Caminha, primeiro documento escrito sobre a Ilha de Vera Cruz endereçada a D. Manuel, em 1500) até os estudos nacionais ou estrangeiros acerca da flora, da fauna e dos índios nos trópicos, os intelectuais reconheceram a linha consonante destas narrativas, constituídas por duas problemáticas – a natureza e os selvagens.

Desde a chegada de Colombo nas Américas, houve uma surpresa geral na Europa pela “descoberta” de novas terras, diferentes em relação ao clima e ao povo. Surpresa tamanha causou também os primeiros relatos sobre este povo, cuja inocência lhe fazia andar nu, sem roupa, cuja ferocidade lhe permitia o consumo de carne humana: “[...] andavam nus, eram carentes de vergonha, pintavam o corpo

para guerra e usavam apenas tatuagens, braceletes e colares para cobrir as intimidades” (SCHWARCZ, 2015, p. 21-22), conforme a impressão de Colombo. Outro aspecto grandioso, não menos importante, era a paisagem do Novo Mundo, com sua natureza extremamente colorida, com seu clima temperado, com sua claridade poderosa, magnífica e tropical.

Em *Visão do Paraíso*, Sergio Buarque de Holanda comenta o elemento natural da paisagem do paraíso, imaginado pelos navegantes no século XIV ou pelos místicos da Idade Média, os quais referem-se à natureza, ao clima de eterna primavera:

Sempre os mesmos elementos que, durante toda a Idade Média, se tinham apresentado como distintivos da paisagem do Éden ou que pareciam denunciar sua proximidade imediata: primavera perene ou temperatura sempre igual sem a variedade das estações que se encontra no clima europeu, bosques frondosos de saborosos frutos e prados férteis, eternamente verdes ou salpicados de flores multicoloridas e olorosas, cortados de copiosas águas (usualmente quatro rios, segundo o padrão bíblico), ora em lugar elevado e íngreme, ora numa ilha encoberta em que mal se conhece a morte ou a enfermidade ou mal algum. (HOLANDA, 1996, p. 176).

O imaginário medieval persiste com o mesmo êxito no período de expansão territorial ultramarina e se relaciona, de fato, com as novas terras achadas por Cristóvão Colombo e Pedro Álvares Cabral. No século XIV e XV, com o avanço das potências imperiais no Oceano, ao mesmo tempo com a economia em frangalhos por quase toda Europa, houve um projeto, empreendido pelo Reino Lusitano, de buscar novas rotas para o comércio marítimo de especiarias e a colonização de lugares distantes, em África, Ásia e América.

Sem dúvida, a terra prometida constituiu o imaginário dos povos antigos e ocupou boa parte das grandes narrativas universais, seja na idade média, seja na idade moderna, tornando-se uma ânsia daqueles que sonhavam com o paraíso perdido, desfeito após a queda do primeiro homem e da primeira mulher. Ao passo que a amada terra natal nas diversas culturas, verdadeiramente, representa o sentimento primordial dos nossos antepassados que tiveram a experiência no espaço sagrado - o jardim edênico na tradição cristã e o jardim das Hespérides na tradição pagã, segundo a pesquisa histórica de Sergio Buarque de Holanda (1996).

Tal sentimento encontra-se, como foi dito acima, nas tripulações que se lançavam ao mar para buscar um tesouro escondido nalguma parte do mundo, ou melhor, do Novo Mundo. As viagens empreendidas naquele período, especificamente no século XIV, com a descoberta de nova rota para África, eram cansativas ao extremo e demoraram, muitas vezes, mais de 100 dias. Havia, portanto, muitas baixas de mortos e feridos:

Eustaquio de la Fosse, que em 1479, regressou de Guiné numa das caravelas de Diogo Cão, conta que o navio em que viajava, ao fazer a pequena travessia da Mina ao cabo

das três pontas (avaliada por Duarte Pacheco em 18 léguas), espaço a percorrer em meio dia com vento bom, empregou 12 dias a vencer a corrente! Nesta proporção a viagem desde a Ilha de Fernando Pó, no fundo do golfo, até à Serra Leoa, demandaria 300 dias, isto é, cerca de 10 meses, e, até ao limite ao extremo a que sobe durante o verão a zona das calmas, mais de um ano. (CORTESÃO, 1969, p. 23).

Deste modo, o prêmio imaginado pelos navegantes serviria para dar um certo alento às suas pobres almas, pois eles preferiam seguir viagem que retornar à casa sem o êxito alcançado. A falta de patrocínios e confiança dos regentes europeus para tão elevado feito também era outro problema, pois custava um alto preço colocar homens ao mar. É preciso lembrar que as ideias do navegador genovês Cristóvão Colombo, retiradas do livro de Marco Polo, foram recusadas por D. João II, em Portugal, ideias estas que poderiam modificar todo o panorama do mundo moderno, porque, logo em seguida, na Espanha, o navegador foi patrocinado por Isabel e Fernando II, e por causa disso, chegou a América (BERAND, 2001).

Com o êxito de Colombo, a abertura do Novo Mundo ocupou toda a disputa imperial no fim do século XIV, de maneira que a busca pela terra prometida, onde a natureza virgem e os nativos vivem em harmonia constante, consolidou praticamente os séculos posteriores, sendo importante para compreender as construções nacionais no Brasil e na América Espanhola, em períodos de independência política.

3 BRASIL: ARQUÉTIPO DO PARAÍSO TERRESTRE NA POESIA GONÇALVINA

Obras e autores revelam os mitos calcados no inconsciente coletivo¹ da humanidade. Ao tratar sobre o inconsciente coletivo, ligado pelos conteúdos primordiais, é necessário retomar as ideias de Carl Gustav Jung que reconhece a existência da camada pessoal do inconsciente em que estão as neuroses e os traumas. No entanto, na outra camada, mais profunda, está o inconsciente coletivo, no qual residem os arquétipos, as experiências originárias do homem.

Para Jung, “O conceito de *archetypus* só se aplica indiretamente às *representations collectives*, na medida em que designar apenas aqueles conteúdos psíquicos que ainda não foram submetidos a qualquer elaboração consciente.” (JUNG, 2012, p. 13), de modo que a sua concretização ocorre por meio de narrativas, poemas, sonhos, havendo uma estreita relação entre os arquétipos e os mitos. Ainda conforme

¹ O autor que compreendeu haver no inconsciente, além da camada pessoal conceitualizada por Sigmund Freud, é Carl Gustav Jung. Segundo ele: “Uma camada mais ou menos superficial do inconsciente é indubitavelmente pessoal. [...] Este, porém, repousa sobre uma camada mais profunda, que já não tem sua origem em experiências ou aquisições pessoais, sendo inata. Esta camada mais profunda é o que chamamos *inconsciente coletivo*.” (JUNG, 2012, p. 12).

o psiquiatra, “O significado do termo *archetypus* fica sem dúvida mais claro quando se relaciona com o mito, o ensinamento esotérico e o conto de fada” (JUNG, 2012, p. 14).

Por sua vez, o arquétipo possui uma peculiaridade, abarcando as experiências individuais do sujeito, numa totalidade com os demais sujeitos, pois sua origem define as relações da psiquê, na rede coletiva do inconsciente. Evidentemente, quando elaborado em narrativas míticas, o arquétipo amplia o conhecimento do homem, transformando o seu olhar sobre as coisas do mundo e compreendendo os desígnios daquele conteúdo originário.

No período romântico houve uma figura proeminente, cantor da natureza e da paisagem brasileira, que consolidou tal força imaginativa, influenciando as futuras gerações. Essa figura é Gonçalves Dias. O berço amado, para ele, é o lugar onde suscita a existência verdadeira, impregnando de saudade a sua ausência da terra natal, em que o esplendor da natureza reflete no seu espírito uma concreta vivência no mundo.

No poema mais famoso de Gonçalves Dias – *Canção do Exílio* – o sujeito lírico guarda as lembranças da sua pátria longínqua, com tamanha saudade:

Canção do Exílio

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o sabiá.
As aves que aqui gorjeiam
Não gorjeiam como lá.

Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas têm mais flores.
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida mais amores.

Em cismar, sozinho, à noite,
Mais prazer encontro eu lá.
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o sabiá.

Minha terra tem primores
Que tais não encontro eu cá;
Em cismar — sozinho, à noite —
Mais prazer encontro eu lá.
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o sabiá.

Não permita Deus que eu morra
Sem que eu volte para lá;
Sem que desfrute os primores
Que não encontro por cá;
Sem qu'inda aviste as palmeiras
Onde canta o sabiá.

(2008, p. 31-32).

O poema *Canção do Exílio* representa uma das raras inspirações da poesia nacionalista brasileira, traduzindo a saudade do sujeito lírico em versos redondilhos que marcam a oposição entre dois espaços diferentes: *lá* e *cá*. O termo *lá* (Brasil) se refere a terra natal, cuja descrição aparece desde o primeiro verso: “Minha terra tem palmeiras/Onde canta o sabiá”. E continua a aparecer para marcar a oposição com *cá* (Portugal): “As aves que aqui gorjeiam/Não gorjeiam como lá”. De tal modo, os dois termos evidenciam a diferenciação entre os espaços: um espaço sagrado (*lá*), e outro profano (*cá*).

Mircea Eliade (2010) em *O sagrado e o profano*, afirma que existe, para o homem primitivo, “[...] um espaço sagrado, e por consequência “forte”, significativo, e há outros espaços não sagrados, e por consequência sem estrutura nem consistência, em suma, amorfos” (ELIADE, 2010, p. 25). Assim, o sujeito lírico do poema de Gonçalves Dias constata a existência deste espaço sagrado, exaltando a paisagem onde viveu outrora, simbolizada pelos elementos da flora e da fauna: Palmeiras e sabiá. E, além disso, elenca outros elementos naturais, que são mais bonitos que os da terra do exílio: “Nosso céu tem mais estrelas/Nossas várzeas têm mais flores/Nossos bosques têm mais vida/Nossa vida mais amores”.

Desta maneira a oposição entre *lá* e *cá* denota uma questão de experiência significativa, verdadeira, fundamental, do homem com seu espaço sagrado, qualitativamente superior. Nele, o ser conhece a sua relação com o mundo, pois o espaço torna-se o mundo consagrado, e sobretudo, o cosmos em que ele encontra o repouso para sua antiga existência caótica. Por isso, a saudade do lugar sagrado, segundo Mircea Eliade, evidencia uma questão importante: o homem vive num cosmos inteiramente particular, onde acontece “[...] a rotura [...] que permite a constituição do mundo, porque é ela que descobre o “ponto fixo”, o eixo central de toda orientação futura” (ELIADE, 2010, p. 26). Para o historiador das religiões:

Vemos, portanto, em que medida a descoberta – ou seja, a revelação – do espaço sagrado tem um valor existencial para o homem religioso; porque nada pode começar, nada se pode *fazer* sem uma orientação prévia – e toda orientação implica a aquisição de um ponto fixo. É por essa razão que o homem religioso sempre se esforçou por estabelecer-se no “Centro do Mundo”. (ELIADE, 2010, p. 26).

O Brasil, no poema acima, ocupa a posição superior em relação à terra do exílio, pois afirma a voz lírica o desejo de regresso ao país natal, que está no Centro do Mundo, em comunicação com Deus: “Não permita Deus que eu morra/Sem que volte para lá/Sem que desfrute os primores/Que não encontro por cá”. O espaço sagrado se localiza, então, além-mar, no Centro, sendo uma esfera total, onde a natureza possui um encanto peculiar e único, jamais visto em outro lugar.

Como não elevar o espírito sufocado em terras estrangeiras às profundas selvas da paisagem americana, cuja vida se emoldura numa sublime estação do Novo Mundo? A poesia gonçalvina consolida

o emblema patriótico, que redefine a literatura feita no Brasil a partir do século XVIII, inaugurando uma vertente nacionalista interessada em problematizar aspectos da nacionalidade.

Minha terra

Quanto é grato em terra estranha
Sob um céu menos querido,
Entre feições estrangeiras,
Ver um rosto conhecido;

Ouvir a pátria linguagem
Do berço balbuciada,
Recordar sabidos casos
Saudosos - da terra amada!

E em tristes serões d'inverno,
Tendo a face contra o lar,
Lembrar o sol que já vimos,
E o nosso ameno luar!

Certo é grato; mais sentido
Se nos bate o coração,
Que para a pátria nos voa,
Pra onde os nossos estão!

Depois de girar no mundo
Como barco em crespo mar,
Amiga praia nos chama
Lá no horizonte a brilhar.

E vendo os vales e os montes
E a pátria que Deus nos deu,
Possamos dizer contentes:
Tudo isto que vejo é meu!

Meu este sol que me aclara,
Minha esta brisa, estes céus:
Estas praias, bosques, fontes,
Eu os conheço - são meus!

Mais os amo quando volte,
Pois do que por fora vi,
A mais querer minha terra,
E minha gente aprendi.
(2008, p. 108-109).

A mesma feição nacionalista, encontrada em *Canção do Exílio*, está presente no poema acima. O que se percebe é que o sujeito lírico sofre de saudade da sua terra, pois desde o título o pronome “minha” estabelece um marcador de posse, de modo que, pertencido ao espaço, em verdade, é o espaço que pertence ao homem. Este sentimento, extremamente coletivo, inaugura o que Benedict Anderson chama

de comunidade imaginada², cujo desenvolvimento se deve, segundo o historiador estadunidense, a três questões fundamentais que “[...] perderam o domínio axiomático sobre a mentalidade dos homens [...]” (ANDERSON, 2008, p. 69): a língua escrita (o latim principalmente) como “[...] um acesso privilegiado à verdade ontológica [...]” (p. 69), a derrubada dos reinos dinásticos e os surgimentos dos estados-nação, e a “[...] concepção da temporalidade em que a cosmologia e a história se confundem, e as origens do mundo e dos homens são essencialmente as mesmas [...]” (2008, p. 69).

Em *Minha Terra*, embora o sujeito lírico esteja longe da pátria, a sua memória afetiva acontece quando ele ouve a língua do seu país, fator indicativo de pertencimento, mas também de muita saudade: “Ouvir a pátria linguagem/Do berço balluciada/Recordar sabidos casos/Saudosos – da terra amada”. As línguas nacionais distinguem as comunidades imaginadas, pois são elas caracterizadas pela entonação, pelo sotaque, pelas palavras, enfim, pelo diálogo entre os membros que partilham aquele bem comum.

O espaço sagrado, arquétipo do paraíso, também se constitui pela paisagem, que está dentro de um limite geográfico, e se apresenta cheio de beleza ao coração do patriota sonhador: “Lembrar o sol que já vimos,/E o nosso ameno luar”. Esses elementos luminosos configuram a estrutura da aura sagrada, de tal maneira que o sonhador nunca imagina o paraíso terrestre coberto de trevas sombrias. Ao voltar, de regresso à pátria, a voz lírica encontra o cosmos do seu lugar sagrado: “E vendo os vales e os montes/E a pátria que Deus nos deu/Possamos dizer contentes/Tudo isto que vejo é meu”. Eis a imagem verdadeiramente poética na poesia gonçalvina: não é o homem que está no espaço, mas é o espaço que está no homem, guardado na lembrança, de tal modo que o sujeito lírico deixa a saudade falar pela sua voz.

Ao contemplar e se maravilhar com a natureza, percebe-se a concretude da sua relação com Deus. É isso o que afirma Mircea Eliade: “O mundo apresenta-se de tal maneira que, ao contemplá-lo o homem religioso descobre os múltiplos modos do sagrado e, por conseguinte, do *Ser*” (ELIADE, 2010, p. 99). O regresso ao cosmo é o retorno do homem à sua vida primordial. Por isso, não existe pobreza em seu espírito ao contemplar a natureza da terra natal; cada elemento - sol, brisa, céu, praias, bosques, fontes - se tornou dele, apaixonadamente embriagado pela visão da sua terra natal: “Meu este sol que me aclara,/Minha esta brisa, estes céus:/Estas praias, bosques, fontes,/Eu os conheço – são meus” . A luminosidade do sol e a elevação do céu se unem para formar o sentimento ascensional:

² Segundo Benedict Anderson a definição de comunidade imaginada corresponde a relação de um sujeito, mesmo que nunca ocorra, com os demais sujeitos pertencentes a nação. De tal sorte: “[...] dentro de um espírito antropológico, proponho a seguinte definição de nação: uma comunidade política imaginada – e imaginada como sendo intrinsecamente limitada e, ao mesmo tempo, soberana. Ela é *imaginada* porque mesmo os membros da mais minúscula das nações jamais conhecerão, encontrarão ou nem sequer ouvirão falar da maioria de seus companheiros, embora todos tenham em mente a imagem viva da comunhão entre eles. (2008, p. 32).

Para os chineses *Tien*, o céu, está claramente ligado a toda constelação masculina da onipotência e, embora Granet se recuse a ver aí uma transcendência, o céu tem, no entanto, uma constituição muito específica, uma vez que a noção de verticalidade, de alto, está para os chineses ligada à de pureza, à (sic) de separação. Enfim, entre os mongóis e os uralo-altaicos é uma só palavra que quer dizer céu e Deus, tal como no *Upanixade* o brâmane é chamado céu (DURAND, 2002, p. 136-137).

A pátria estrangeira, onde ele estava em viagem, não possuía toda esta maravilha tropical. O seu amor ao espaço sagrado é genuíno, porque, sem dúvida, ao voltar para o seu país de origem, o sujeito lírico retorna ao Centro do Mundo, pois todo paraíso ocupa o Centro do Mundo. Conforme reflete Eliade, na sua obra *Imagens e Símbolos*: “Todas essas cidades, templos ou palácios considerados como Centros do Mundo não passam de réplicas multiplicadas à vontade, de uma imagem arcaica: a Montanha Cósmica, a Árvore do Mundo ou o Pilar Central que sustentam os níveis cósmicos.” (ELIADE, 1991, p. 38).

Como foi dito anteriormente, o poeta demonstra uma profunda emoção pelos elementos da natureza brasileira, pertencendo ao chão da terra pátria e este pertencendo a ele, como se vivesse dentro da eternidade. No chão do seu lugar querido, ele vive o cosmos, e aceita a sua condição de habitante do espaço cosmicizado. A partida sempre causa no sujeito lírico um grande sofrimento, um grande desgosto:

O desterro de um pobre velho

A aurora vem despontando,
Não tarda o sol a raiar;
Cantam aves, - a natura
Já começa a respirar.

Bem mansa na branca areia
Onda queixosa murmura,
Bem mansa aragem fagueira
Entre a folhagem sussurra.

É hora cheia de encantos,
E hora cheia de amor;
A relva brilha enfeitada,
Mais fresca se mostra a flor.

Esbelta joga a fragata,
Como um corcel a nitrir;
Suspensa a amarra tem presa,
Suspensa, que vai partir.

Em demanda da fragata,
Leve barco vem vogando;
Nele um velho cujas faces
Mudo choro está cortando.

Quem era o velho tão nobre,

Que chorava,
Por assim deixar seus lares,
Que deixava?
[...]

Não ver mais a cara pátria,
Não ver mais o que deixava,
Não ver nem filhos, nem filhas,
Nem o casal, que habitava!...
[...]

Nada acharás no degredo,
Que fale dos filhos teus;
Ninguém sente a dor do pobre,,,
Só te fica a mão de Deus.

O sol, que além vês raiando
Entre nuvens de carmim,
Noutros climas, noutras terras
Não verás raiar assim.
(2008, p. 140-142).

Este poema carrega uma atmosfera de profunda tristeza devido a partida do velho da sua terra natal. Embora seja narrado e descrito os movimentos da fragata, bem como a angústia dele em ter que deixar o seu país, o que imprime a marca da saudade, com uma sensível emoção, é a junção entre o sentimento do indivíduo com o retrato da paisagem natural: “A aurora vem despontando,/Não tarda o sol a raiar;/Cantam aves, – a natura/Já começa a respirar”.

A perspectiva dramática ocorre quando se inicia a descrição da partida e o navio, responsável por levar os passageiros, é comparado a um corcel rápido e veloz. A descrição lenta, por vezes demorada, também ajuda para aumentar o sofrimento do velho, o qual embarca para a sua morte, pois estar longe da pátria é morrer de infortúnio. O espaço profano, homogêneo, concebe uma vivência do homem no caos, sentindo-se afastado do sublime e do maravilhoso.

O que caracteriza as sociedades tradicionais é a oposição que elas subentendem entre o seu território habitado e o espaço desconhecido e indeterminado que o cerca: o primeiro é o “mundo”, mais precisamente, “o nosso mundo”, o Cosmos; o restante já não é um Cosmos, mas uma espécie de “outro mundo”, um espaço estrangeiro, caótico, povoado de espectros [...]. À primeira vista, essa rotura no espaço parece consequência da oposição entre um território habitado e organizado, portanto “cosmizado”, e o espaço desconhecido que se estende para além de suas fronteiras: tem-se de um lado um “Cosmos” e de outro um “Caos”. (ELIADE, 2010, p. 32-33).

A ausência do velho que provavelmente morrerá em pátria estrangeira é questionada pela voz do narrador: “Não ver mais a cara pátria,/Não ver mais o que deixava,/Não ver filhos, nem filhas,/Nem o casal que habitava”. Para o velho desterrado, os dias de ventura foram vividos na pátria querida, onde constituiu o seu mundo junto com os seus familiares. Então, a partida demonstra o sofrimento de quem

conheceu a alegria de viver num espaço cósmico, em companhia dos entes queridos e da paisagem mais bela da terra natal.

Desde o título, pode-se imaginar que o desterro (exílio forçado) não é, portanto, bem explicitado, fazendo com que a atmosfera do poema apresente uma carga extrema de grande desespero. Partir a outros climas, a outras terras, é deixar o lugar sagrado para viver num mundo caótico. Os acontecimentos reais, vividos por Gonçalves Dias, como as viagens feitas para o estrangeiro, tornam-se o mote para os seus poemas nacionalistas. Neles há sempre dois espaços: o da terra estrangeira em oposição ao espaço da pátria.

A pátria é retratada com delicadeza, em pinceladas bem singelas, colocando a beleza novamente dos elementos naturais a um patamar superior em relação às outras pátrias: “O sol, que além vês raiando/Entre nuvens de carmim,/Noutros climas, noutras terras/Não verás raiar assim”.

Portanto, os mínimos detalhes da paisagem natural formam e consolidam o espaço sagrado, Centro do Mundo, em que o sujeito lírico recorda a experiência mais frutífera do seu coração: pertencer e chamar de sua a nação tropical. É, sobretudo, uma obra que valoriza o lirismo nacionalista, descrevendo a magnitude paisagística dos trópicos, e, ao mesmo tempo, reconhecendo que essas longínquas terras são do povo brasileiro, não do colono. E o brasileiro é aquele que se identifica com esse território espiritual – espaço cosmicizado e consagrado, o arquétipo da obra divina.

A contraditoriedade presente no arquétipo do paraíso brasileiro não se assenta apenas na própria subordinação aos paradigmas sociais e existenciais europeizados que definem terra, índio e povo brasileiro presente nas obras românticas do século XIX. Bebendo dessa ancestralidade paradoxal vemos tal paraíso e sua brasilidade, durante o transcorrer do século XX e mesmo no XXI, constituindo e expressando na crise identitária do brasileiro e seu lugar no mundo. *Canção do Exílio*, particularmente, exemplifica isto. Pois em paródias e ressignificações como vistas em poemas de Casimiro de Abreu, Carlos Drummond, Murilo Mendes, Oswald de Andrade, Mário Quintana, Vinicius de Moraes, Chico Buarque entre outros, as Canções indicam um paraíso ainda por se fazer e repleto de crises e antíteses identitárias. De alguma forma, a crise vivenciada na contemporaneidade brasileira, como vimos acima, corresponde ou é herdeira da problemática de sua própria formação identitária enquanto nação mitificada no arquétipo de paraíso, cuja natureza exuberante, povo dócil e a noção de país do futuro colidem com destruição, violência e desorganização política. Tais crises, sob a pena de poetas, foram retratados e vivenciadas pela arte literária.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho cumpriu o êxito de trazer à baila questões prementes sobre o arquétipo do espaço sagrado. Como recorte temporal e estético, nada mais objetivo que desenvolver esta reflexão na obra de

um poeta tão importante para o Brasil como Gonçalves Dias. Os seus poemas formaram a identidade do povo brasileiro, tomando como referência a natureza e o índio. Para o objetivo deste trabalho, foi descartado o elemento indígena, pois o aspecto natural, isto é, a paisagem foi a questão mais importante a se tratar.

Os poemas gonçalvinos possuem uma atmosfera sagrada, constituída pelas imagens luminosas e pela centralidade do lugar, na concepção de Mircea Eliade. A vivência deste arquétipo originário na cultura nacional se estende até os dias atuais, pois o homem moderno, embora esteja imerso na civilização, revive e atualiza tais experiências no seu cotidiano. Não há dúvida que guardamos em nosso íntimo a experiência superior com o espaço sagrado.

Na prática, à época em que Gonçalves Dias construiu os seus poemas nacionalistas, a sociedade brasileira enfrentava questões profundas, como a independência e a escravidão. Por isso, traçar uma perspectiva espiritual e histórica do povo brasileiro tornou-se um mote não somente em Gonçalves Dias, mas também em José de Alencar, Gonçalves de Magalhães, Lima Barreto, Monteiro Lobato e, sobretudo, alguns autores modernos.

O leitor contemporâneo talvez se pergunte se o paraíso ruiu com o tempo, por conta do avanço de políticas imperialistas ou mesmo da industrialização desenvolvida pelo capitalismo (as quais jamais abarcaram a totalidade da nação, com toda a sua complexa formação colonial). Em todo caso, os poemas do grande poeta maranhense continuam a fazer com que o admirador contemple atônito a natureza e o chão da terra natal.

5 REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor. **Notas de literatura I/Theodor W. Adorno; tradução e apresentação de Jorge M. B. de Almeida**. 2. ed. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2012.

ANDERSON, Benedict R. **Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo/Benedict Anderson**; tradução Denise Bottman. – São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BACHELARD, Gaston. **A poética do devaneio/Gaston Bachelard**; tradução Antonio de Pádua Danesi; revisão de tradução Alain Marcel Mouzat, Mário Laranjeira. 3. ed. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009. – (Biblioteca do Pensamento Moderno)

BARTHES, Roland. **Crítica e Verdade/Roland Barthes**; [tradução Leyla Perrone-Moisés]. São Paulo: Perspectiva, 2009. - [Debates; 24/dirigida por J. Guinsburg]

BERAND, Carmen. **História do Novo Mundo: Da Descoberta à Conquista, uma Experiência Européia, 1492-1550/Carmen Berand e Serge Gruzinski**; tradução de Cristina Murachco. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade/Antonio Candido de Mello e Souza**. 13. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2014.

DIAS, Antonio Gonçalves. **Poesias Escolhidas**. São Paulo: Editora Ática, 2008.

DIAS, Manuel Nunes. **O descobrimento do Brasil** (subsídios para o estudo da integração do Atlântico Sul. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1967.

DURAND, Gilbert. **A imaginação simbólica/Gilbert Durand**; tradução Eliane Fittipaldi Pereira. – São Paulo: Cultrix, Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário: introdução à arquetipologia geral/Gilbert Durand**; tradução Hélder Godinho. 3. ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2002.

DURAND, Gilbert. **O imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem/Gilbert Durand**; tradução Renée Eve Levié. 5. ed. – Rio de Janeiro: DIFEL, 2011.

ELIADE, Mircea. **Imagens e símbolos: ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso/Mircea Eliade**; prefácio Georges Dumézil; [tradução Sonia Cristina Tamer]. São Paulo: Martins Fontes – selo Martins, 1991.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano: a essência das religiões/Mircea Eliade**; tradução Rogério Fernandes. 3. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010a.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Visão do paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil**. 5. ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Brasiliense, 1996.

JUNG, Carl Gustav. **O Eu e o inconsciente**; tradução de Dora Ferreira da Silva. 20ª ed. Petrópolis, Vozes 2007.

JUNG, Carl Gustav. **A vida simbólica: escritos diversos/C.G. Jung**; tradução Edgar Orth; revisão técnica de Jette Bonaventure. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2012a.

JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo/C. G. Jung**. Tradução Maria Luiza Apy, Dora Mariana R. Ferreira da Silva. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2012b.

SHELLEY, Percy Bysshe. **Uma Defesa da Poesia e Outros Ensaios**. São Paulo: Editora Landmark, 2008.

SCHWARCZ, Lilia K. Moritz. A natureza como paisagem: imagem e representação no Segundo Reinado. **Revista USP**, São Paulo, nº 58, p. 6-29, junho/agosto 2003.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Brasil: uma biografia/Lilia Moritz Schwarcz e Heloisa Murgel Starling**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

Title

Archetype of Paradise: Images of Sacred Space in the Gonçalves Dias poetic.

Abstract

With the romantic utopia, the poetry of Gonçalves Dias expresses the feeling for his homeland, elevated to the condition of sacred place, in our view, the archetype of earthly paradise, where nature transmits the charm to those who live far away, abroad. Thus, according to the critical-methodological proposal of the Imaginary (JUNG, 2012; ELIADE, 2010a; DURAND, 2011 among others), a reflection will be made on the image of sacred space in the poetry of Gonçalves. Structured in a theoretical analysis, the article embraces from a historical perspective of paradise until its archetypal condition of the Brazilian paradise in the work of Dias, even considering how the poetics of Gonçalves presents the crisis of national identity since its origin.

Keywords

Archetype; Sacred Paradise; Imaginary; Gonçalves Dias.

Recebido em: 02/08/2019.

Aceito em: 06/09/2019.